



**O PERIGO DA MULHER ÚNICA: REFLEXÕES SOBRE A IDEIA DE FEMININO EM A *HISTORIADORA OBSTINADA*, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

**THE DANGER OF THE UNIQUE WOMAN: REFLECTIONS ON A FEMININE IDEA IN CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE'S A *HISTORIADORA OBSTINADA***

Maria de Jesus Castro de Oliveira<sup>1</sup>

Recebido em: 14 out. 2019.

Aceito em: 11 jan. 2020.

DOI 10.26512/aguaviva.v5i1.27593

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo ressaltar algumas das ideias propostas pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em duas conferências suas e relacioná-las com a concepção de mulher em seu sentido europeu e pós-colonial, postas, a partir das observações pontuais da própria escritora quanto às semelhanças e diferenças entre o feminino nas duas concepções. Adiante, analisamos o conto *A historiadora obstinada*, da mesma autora e apontamos os elementos que contribuem para assinalar a ideia de mulher no contexto africano, mais precisamente nigeriano, e como essa mulher possui traços próprios, que revelam uma experiência peculiar de algum modo similar à mulher europeia e distinta em relação à mesma, tomando como base a contribuição teórica de Elizabeth Badinter, Joan Scott e Gayatri C. Spivak. Por fim, sugerimos como o conto problematiza a situação da mulher no contexto pós-colonial e como essa mulher se coloca numa posição paradoxal, entre a permanência no lugar de origem e a sua saída desse espaço cultural.

**Palavras-chave:** Mulher. *A historiadora obstinada*. Chimamanda Ngozi Adichie.

**ABSTRACT:** This paper aims to highlight some of the ideas proposed by the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie in two of her conferences and relate them to the conception of woman in her European and post-colonial sense, based on the author's own specific observations about similarities and differences between the feminine in the two conceptions. Ahead, we analyze the short story *The Headstrong Historian*, by the same author and point out the elements that contribute to signal the idea of women in the African, more precisely Nigerian context, and how this woman has her own traits, which reveal a peculiar experience in some way similar to and distinct from European women, based on the theoretical contribution of Elizabeth Badinter, Joan Scott and Gayatri C. Spivak. Finally, we suggest how the tale problematizes the situation of women in the postcolonial context and how this woman puts

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (PósLIT/UnB), Mestre em Letras (Área de Concentração Estudos Literários) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Língua Brasileira de Sinais - FII e Especialista em Educação à Distância - Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português pela UESPI. E-mail: [majesuscastro@hotmail.com](mailto:majesuscastro@hotmail.com)



herself in a paradoxical position, between staying in the place of origin and leaving the cultural space.

**Keywords:** Woman. *The Headstrong Historian*. Chimamanda Ngozi Adichie.

## INTRODUÇÃO

A história das mulheres, como a maioria das histórias dos vencidos, sempre ocupou um lugar precário em séculos de civilização. Sem maiores peregrinações nos meandros do tempo, pode-se afirmar que as mulheres pouco foram ouvidas e pouco puderam se expressar. Este fato se deve a inúmeros fatores; o principal é a ideia supremacista do homem como o provedor do conhecimento em boa parte das civilizações. Na Literatura este fato ocorre de modo muito similar, relegando à mulher um papel secundário e estereotipado, seja como personagem seja como autora.

Este trabalho averigua questões ligadas a essa subjugação, tendo em vista as ideias e a produção da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que recentemente se volta para a condição da mulher, especificamente aquela que se encontra em uma posição subalterna em um país periférico. A autora analisa em suas obras as relações entre colonização e cultura tradicional, impactos das independências, a pobreza no seu país, a imigração e a condição perturbadora da mulher nigeriana em todos esses tópicos.

A partir da análise de *A historiadora obstinada*, um dos contos publicados em *No seu pescoço*, pretendemos demonstrar como a escritora cria um panorama da relação entre colonização, mulher, resistência e empoderamento por meio de temas delicados e que, no caso analisado, se mostram bem mais complexos, necessitando, portanto, de um aporte teórico que ultrapassa os estudos de gênero.

Por esse motivo, chamamos para esse debate o instrumental teórico do pós-colonialismo para averiguar a condição da mulher em um país marcado por um sistema colonialista recente e uma tradição cultural desmantelada, mas muitas vezes resistente. Com isso, podemos notar algumas possíveis diferenças e semelhanças entre as literaturas e culturas quando a questão é mulher e relação de gênero.

### **A mulher única e diversa**



Na palestra “Os perigos de uma história única”, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie faz um breve relato sobre a sua experiência com os modelos culturais da Nigéria e o imaginário britânico que povoou os livros de sua infância. Ela mostra, no decorrer da sua fala, uma série de contrapontos complexos entre as duas culturas, e avalia como a imposição inglesa no seu país, por intermédio da colonização, fazia dela e de seus pares presas fáceis para colonizar o pensamento. Destas observações, grosso modo, o que a escritora pode concluir parece óbvio: pensar a história a partir de um ponto de vista, sem os contrastes múltiplos que ela pode ter, se torna um trabalho tendencioso, feito apenas para ressaltar a predominância de uma perspectiva hierarquicamente superior.

Em outro texto seu, *Sejamos todos feministas*, ela expõe sua trajetória enquanto escritora e mulher, defensora das minorias e dos direitos das mulheres. Do mesmo modo que a escritora desconstrói a ideia de história predominante do Ocidente e sua metodologia positivista, nesse texto ela retoma a ideia de feminismo e desfaz rótulos que acompanham a ideia de mulher na Nigéria, na Europa e nos EUA, cujas peculiaridades ela vivenciou por muito tempo.

Diferenças visíveis podem ser encontradas nos dois textos, por tratarem de temas aparentemente distantes. Ainda assim, as semelhanças são encontráveis, e uma delas é paradigmática para pensar o presente artigo: a ideia de como o Ocidente e sua visão imperialista são capazes de conceber de forma monolítica o passado de um povo e a ideia de mulher.

Um de seus contos, *A historiadora obstinada*, é um exemplo dessa ligação entre mulher, história, cultura e poder. A narrativa em questão trata de Nwamgba, uma viúva que, após a morte de seu marido, precisa cuidar de seu filho, mas é constantemente importunada pelos parentes do falecido. Vendo a impossibilidade de encontrar paz e cuidar do filho em sua comunidade, ela resolve levar a criança às missões francesas e inglesas para que ele aprenda a língua e com isso ganhe respeito e poder, a fim de futuramente combater os familiares de seu pai, que importunam a mãe. O objetivo é alcançado. Contudo, Anikwenwa, seu filho, se tornou excessivamente devoto do cristianismo, negando a cultura da mãe, a que ela era tão afeita. Esse ponto merece comentário.

Ao mostrar a admissão da cultura cristã pelo filho e negação de sua própria raiz, o conto mostra como a cultura pode facilmente obliterar uma história, aos olhos do cristianismo ocidental, irrelevante. Isso porque a história grafocêntrica por meio da qual a religião cristã se desenvolveu deu suporte necessário para elaborar uma narrativa convincente. A dominação colonial, ao mesmo tempo que impõe essa narrativa, se apoia nela. Tal fato revela o



aniquilamento da cultura local e como as artimanhas imperialistas tem influência fundamental nesse processo.

Vale lembrar, já que o nosso tema central é a mulher, que a proposta inicial desse conto já revela certa “subordinação” da mulher na sociedade tribal, apesar de ser importante mencionar que esta subordinação difere da perspectiva ocidental de misoginia. As personagens femininas (tendo por parâmetro os lugares de fala contidos no conto) realçam os papéis que homens e mulheres possuem, não encarando necessariamente de modo sexista todas as ações efetuadas pelos gêneros, mas como funções distintas que diferentes sexos possuem na cultura mencionada.

É claro que existem certos mecanismos de dominação nesse circuito de relações entre sexos, como é possível perceber nas injúrias feitas pelos primos do marido de Nwangba. Ela é vilipendiada por não possuir certos atributos femininos indispensáveis, como a fertilidade. No entanto, os próprios primos não encenam os ideais de masculinidade, pois são preguiçosos, invejosos e provavelmente, criminosos.

Nem sempre os conceitos teóricos do feminismo ocidental podem ser aplicados às culturas de sociedades africanas. Em primeiro lugar, é comum que, em culturas de religiões politeístas, as mulheres encontrem no culto às divindades femininas um instrumento de empoderamento. Por outro lado, a desigualdade entre gêneros se manifesta no conto uma vez que os primos do falecido marido enganam a protagonista fundamentalmente por serem homens. No momento em que se vê sem uma proteção masculina, ela se torna relativamente desempoderada.

De forma geral, para uma análise não fundada em preconceitos, faz-se necessário conhecer a história dos excluídos, seus traços marcantes, os dilemas da época e da situação que cada sujeito venha a ter dentro de um circuito de relações sociais, culturais complexos e, de modo algum, definitivo.

A proposta do conto é essa. E já pode ser verificada na parte sintetizada: encontrar meios de empoderamento para o sujeito pós-colonial num mundo em que a legitimidade do programa ocidental é basilar, tal qual vimos no próprio conto a atitude da mãe em primeiro, resistir ao colonialismo:

Um sistema estúpido, na opinião de Nwangba, mas, sem dúvida, todos tinham o seu. Ayaju riu e disse mais uma vez para Nwangba que um povo mandava no outro quando tinha armas melhores. Seu filho já estava aprendendo os hábitos estrangeiros, e talvez o filho dela devesse fazer o mesmo. Nwangba se recusou. Era impensável que seu único filho, a luz de seus olhos, fosse



entregue para os homens brancos, por melhores que fossem as armas deles (ADICHIE, 2017, p. 220).

No decorrer da trama, ela tem de mudar de ideia, pois, como já mencionamos, a absorção do paradigma colonizador lhe daria poderes. Essa solução implica uma contradição relatada pelo conto: a assimilação da norma colonizadora. Diante de tal problema, essa questão fica mais explícita no final da trama, quando Anikwenwa se torna devoto, se casa com uma moça cristã e ela engravida.

Nwamgba sofre vários abortos espontâneos, algo que não é comum na comunidade em que vive. O fato contudo, é tido pela comunidade como algo negativo, o que ocasiona certo desprezo por mulheres que não geram com eficiência. Uma gravidez de Nwamgba é bem sucedida e ela concebe Anikwenwa. Cumpre lembrar ainda a preferência da comunidade (inclusive das mulheres) pela geração de meninos, uma vez que esses são prediletos por causa de uma questão de poder: homens têm mais direitos que mulheres.

Uma vez que a predominância e o poder são dados para o homem, modelo de organização comunitária, às mulheres cabem outros papéis na comunidade. Alguns desses papéis não são necessariamente impostos, mas, haja vista as circunstâncias apresentadas pelo conto, boa parte deles se caracterizam pela dominação masculina. Vejamos isso.

A esposa de Anikwenwa também engravida várias vezes e passa por um problema similar ao de Nwamgba. Quando ela finalmente consegue dar à luz, nasce um menino, que a avó pensa ser o espírito de seu marido, Obierika, que viria substituir o filho, agora distante das tradições locais. Contudo, o fato não se consuma: seu marido não tinha retornado naquele menino. Depois de outros abortos espontâneos da esposa do filho, nasce uma menina. Ao segurar a menina pela primeira vez, Nwamgba percebe na criança o espírito de Obirieka, que significa muito mais do que o falo em termos de gênero, mas em aspectos culturais, vista a ideia de “espírito” forte não implicar um sexo determinado.

Os eventos acima descritos apontam para uma sociedade, fica claro, sexista em termos de dominação masculina. No entanto, devemos ressaltar a natureza desse sexismo de um ponto de vista interno daquele grupo social. O protagonismo de Nwamgba é salutar.

De nenhum modo a narrativa mostra a protagonista como conivente em relação à misoginia; porém, suas ações não buscam uma “emancipação” feminina ao nível dos direitos de outras sociedades, mas em consonância com aspirações femininas naquele tempo e local. Sobre isso, podemos ressaltar que a Nwamgba não interessa a educação senão para manter sólidas suas tradições. Todas as ações da protagonista se destinam a restaurar as posses e a



posição social do filho. Desse modo, percebe-se no texto que a emancipação da mulher na comunidade em questão é óbvia: a maternidade.

Para o feminismo clássico do século XX, esse fato parece a consumação de ideias sexistas, uma vez que elas retomam o mito feminino de anjo do lar. Os estudos mais emblemáticos das teorias de gênero no século XX procuram relativizar a mulher como esse anjo que deve ter a casa, os afazeres domésticos e a criação dos filhos como objetivo de vida, algo que acentua a misoginia. Contudo, no deslindar dos anos, essa perspectiva ganhou novos contornos, sobretudo no Terceiro Mundo, uma vez que a ideia de emancipação da mulher cumpre diferentes papéis dentro de sociedades distintas.

Elizabeth Badiner (1985) argumenta que a ideia de maternidade é socialmente construída. Ao analisar a história do conceito de família e amor materno propalado pelo Ocidente no período moderno, a autora nos mostra como os filhos eram tidos como irrelevantes para as mães antes do século XVIII, se configurando o “amor materno” como característica feminina a partir do período mencionado. Isso mostra como a ideia de mãe na Europa é flexível e como ela é construída de acordo com as imposições propostas pelo Estado. Entretanto, não se pode dizer que esse é o modelo universal de mãe; ele varia de lugar para lugar, e como Badiner argumenta, de época para época.

Logo, maternidade, traço comum da ideia de mulher, acaba por se desdobrar em diferentes concepções, o que podemos notar pela fase feminista do fim dos anos 1980, cujo cerne é notar as diferentes formas de ser mulher. Segundo Suzana Bornéo Funck (2011) a noção de mulher passou por um desdobramento com as teorias pós-modernas, o que ocasionou uma percepção mais performativa e menos política. Além do sentido dicotômico simples e limitado, essencialista, ela se expande para concepções históricas, sociais, culturais e políticas que desdobram a mulher e sua vontade em uma quantidade imensa de sujeitos.

Joan W. Scott (1995, p. 93) diz que “o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça.” Em outros termos, a ideia de “mulher” é culturalmente construída, e possui diferentes significados em lugares distintos. Mas como saber das necessidades de emancipação da mulher numa cultura se não conhecemos suas histórias? Se não ouvimos o que elas têm a dizer? E pior, se os instrumentos de imposição científica e ideológica dificultam ainda mais essa voz que clama por suas vontades?

Essas questões são debatidas por Gayatri C. Spivak (2010) em seu ensaio “Pode o subalterno falar?”. Ela mostra que as ideias filosóficas do Ocidente são dominantes nas culturas



periféricas e servem para estabelecer uma ideia universalmente aceita de subjetividade efetivamente valorizada. Em relação à mulher periférica recaem outros agravantes, isto porque além de ser periférica em relação ao Ocidente, ela ainda é periférica em relação aos homens. Consequência disso é que a mulher pós-colonial (como podemos chamá-la) não pode falar por si, por ser subalterna em relação aos especialistas: homens ou mulheres brancos que podem definir a mulher subalterna porque têm conhecimento e mecanismos de formulação de histórias que ela não tem.

Apesar de ser uma mulher em uma sociedade solista, Nwamgba demonstra agência. Em vários momentos da narrativa ela recorre aos meios de que dispõe para fazer valer a sua vontade, como quando escolhe o homem com quem deseja casar, contra o parecer da mãe: “Seu pai a achava cansativa, aquela filha obstinada de língua ferina que certa vez vencera o irmão numa luta” (ADICHIE, 2017, p. 213). Quando se vê viúva e explorada pelos primos do falecido marido, ela procura de várias maneiras se contrapor a eles. No entanto, seu objetivo maior era garantir que o filho tivesse acesso ao que era seu por direito.

Em outras palavras, a história de Nwamgba, se contada e conhecida, deve instruir o Outro sobre a sua particularidade enquanto Eu. Esse Eu clama por igualdade, mas de um modo muito peculiar. Ao sancionar uma história da mulher que leva em conta apenas uma perspectiva, a ocidental, o que as teorias de gênero fazem, lembrando o discurso de Adichie, é legitimar uma história única das mulheres, oriunda do logocentrismo, falocentrismo e grafocentrismo europeu. Nwamgba, destituída do conhecimento, da visão de homem e da escrita europeus, não pode expor suas angústias e, assim, uma possível leitura equivocada será a de que ela é aniquilada enquanto sujeito.

Em seu ensaio *Experiência*, J. Scott (1999) nos mostra como a historiografia enquanto ciência desprivilegia o conhecimento não europeu, a história oral e a experiência “não acadêmica” de um modo geral. Estes fatos enfatizam a ideia de que o conhecimento histórico não usa a experiência como documento.

A historiadora mostra como, através do discurso e da epistemologia reinante, a história se legitima. Nesse âmbito, não existiria uma história dos subalternos, devido à falta de contornos metodológicos que expressem isso claramente. Apesar disso, vista a fluidez da experiência, a autora busca uma orientação que sancione a voz dessas experiências subalternas. Em suma, a autoridade do historiador legitima os fatos, excluindo a voz daqueles em que a subjetividade não é valorizada.



Assim sendo, a autora reclama uma história das mulheres de modo problematizador, que não restrinja a experiência feminina a algo monolítico, geralmente ligada as suas atitudes políticas. A despeito disso, a mulher seria um conceito amplo para sumariá-la a uma categoria simples. A escrita de uma história das mulheres deve acompanhar muitas versões de mulheres e suas experiências em ambientes não acadêmicos também, para atender às múltiplas expressões da mulher.

O conto procura dar voz a essa mulher subalterna e mostrar como sua luta por direitos ressoa em uma próxima geração que, em se levando em conta os princípios das religiões animistas, estabelece uma relação de continuidade, e mesmo de unidade, com ela.

A parte final do conto realça isso, mas nos mostra também o que acontece quando uma mulher nessa condição de subalternidade sai dessas tradições para adentrar no mundo “educado” do Ocidente. Grace, neta de Nwamgba, constrói uma carreira de historiadora. Ela reflete essa condição no final do conto, quando busca sua identidade ao lado de sua avó em Lagos:

Foi Grace quem, cercada por seus prêmios, seus amigos, seu jardim de rosas inigualáveis, mas sentindo-se, sem saber bem por que, distante de suas raízes no fim da vida, foi a um cartório em Lagos mudar oficialmente seu primeiro nome de Grace para Afamefuna (ADICHIE, 2017, p. 232-233).

Afamefuna resolve estudar, cursar faculdade, ir para os Estados Unidos, escrever livros de História. Todos esses fatos desenvolvem uma implicação notável à trama: mesmo considerada o espírito de Obirieka, a menina resolve se adequar a um mundo que, de muitos modos, se contrapõe aos valores tradicionais que a avó tanto apreciava. A menina, ao se envolver com a cultura moderna, à primeira vista, adere à cultura ocidental, aquilo que a avó já tinha visto em seu filho e neto. Isto é, ela passaria pelo mesmo processo de aculturação que o pai e seu irmão passaram ao entrar em contato com esse universo. Porém, isso não se confirma.

A menina estuda nos EUA e quer escrever sobre as histórias africanas, sua avó, as tradições ignoradas pelos brancos as que, segundo ela, tem um enorme valor. Através disso ela tem a consciência de que pode dar voz aos subalternos que não tem como contar a sua história. O fardo dessa escolha, por mais digna que seja, é que ela estaria numa espécie de entrelugar,<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Extraímos a ideia de entrelugar das observações de Silviano Santiago (2000, p. 26). Ele afirma que as formações discursivas latino-americanas estão entre opostos, num “lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade.” Esse conceito é explorado por outros autores. Porém, achamos adequada a conotação empregada por Santiago, apesar de não frisar as literaturas africanas.



ligada pela sua tradição e sua nova vida e forma de pensar. Isso não é menos problematizado. Destaca-se o comportamento obstinado da menina, como o de sua avó, em lutar pelas tradições. Assim como sua avó, ela sabe que só superará os poderosos se usar a linguagem deles. E o faz. A sua luta obstinada, em termos políticos (inclusive para mulheres), é dar voz aos subalternos esquecidos pela história e que possuem suas próprias vontades e modos de viver.

Essa historiadora parece ser o modelo da historiadora que Adichie reclama em sua palestra sobre a história única: a historiadora capaz de perceber, apesar da enorme influência das instituições que lhe passavam uma história uníssona e eurocêntrica, que existem muitas histórias e a experiência humana muitas vezes não está nos manuais escolares ou nos livros acadêmicos, mas na voz de uma senhora que, a despeito dessa versão ocidentalizante do passado, conta suas histórias e clama por direitos iguais conforme a sua perspectiva de mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou averiguar através das teorias de gênero e dos estudos pós-coloniais como a construção da mulher pode se dar de modo distinto, e como as questões feministas que circulam nos meios intelectuais da Europa são problemáticos para outros campos de observação.

A análise do conto de Chimamanda N. Adichie salienta esses fatos ao mostrar a resistência de uma mãe numa comunidade tradicional nigeriana e a sua luta para conceber e educar os filhos. Conseqüentemente, essa representação nos mostra como a ideia de maternidade, uma construção social, pode ser distinta para diferentes lugares.

Cabe ainda ressaltar a busca de uma história dessas tradições, bem como a necessidade de se desvincular do paradigma colonizador para obter poder e desconstruir as noções ocidentais, inclusive de mulher.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. A historiadora obstinada. In: ADICHIE, Chimamanda. *No seu pescoço*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda N. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



ADICHIE, Chimamanda N. *O perigo de uma única história*. [2009]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FUNCK, Suzana Bornéo. O que é uma mulher? *Cerrados*. v. 20, n. 31, p. 63-74, jul. 2011, Brasília. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8252/6249>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995, Porto Alegre.

SCOTT, Joan W. A experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Org.). *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Edufmg, 2010.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.